

O SR. DR. BAPTISTA COELHO NOVO CHEFE DO DISTRITO TOMOU ONTEM POSSE NO MINISTÉRIO DO INTERIOR

FOI nomeado Governador Civil do Algarve, o sr. dr. António Baptista da Silva Coelho, nosso ilustre comprovinciano e amigo.

O novo Chefe do Distrito gosa no Algarve de justificado prestígio, dadas as suas belas qualidades de caracter e extraordinárias faculdades de inteligência e de trabalho.

Professor dos mais distintos do seu ramo, foi bolseiro, pelo Instituto para a Alta Cultura, na Inglaterra e na Alemanha. Foi Vice-Reitor do Liceu Nacional de Faro, Reitor do Liceu de Oeiras e Inspector do Ensino Secundário, sendo actualmente, professor effectivo do Liceu de Passos Manuel.

A política do Estado Novo, que o conta entre os seus denodados defensores, tem o sr. dr. Baptista Coelho, dado o melhor do seu esforço e entusiasmo. Legionário da primeira hora, foi official de Milícia do Batalhão de Faro da Legião Portuguesa, Sub-delegado Regional da Mocidade Portuguesa, Vice-Presidente da Junta de Provincia do Algarve e Presidente da Commissão Concelhia da União Nacional de Faro.

A cerimonia da posse do novo Governador Civil, com grande concorrência de destacadas individualidades, estava a decorrer ontem, no Gabinete do Senhor Ministro do Interior, á hora do nosso jornal entrar para a máquina.

A este importante acontecimento da vida política do Algarve nos voltaremos a referir no próximo número.

No entanto desejamos desde já, com os nossos respeitosos cumprimentos, afirmar ao ilustre Chefe do Distrito que poderá contar incondicionalmente com a modesta mas leal colaboração do nosso periódico.

O novo Chefe do Distrito assumirá as suas funções em Faro, hoje, pelas 16 horas.



Dr. Baptista Coelho

O NOSSO CALENDÁRIO

OS 7 DIAS da semana

QUARTA-FEIRA — Carnaval sem sentido

PACATAMENTE passaram para mim estes dias de anacrónica folia, que o calendário mantém, mas que cada ano mais se nota não terem qualquer real significação. Divertir-se uma pessoa por obrigação não é cousa que realmente seduza. E parece que toda a gente vai tendo outros divertimentos. Em todo o caso, ontem a noite, pela rádio francesa, ouvi que o Carnaval existe por esse mundo, com características de festa folclórica, em muitas bandas longinquas. Pois que se divertam, o mundo continuará a girar. E continuará a girar quer sejamos alegres quer macambúzios.

QUINTA-FEIRA — Boas-vindas, primavera

AINDA que não as tenha ainda visto, acredito que as andorinhas andem já por aí. Outros sinais de primavera as antecederam como nências da estação nova. E desde há semanas que há sinais visíveis, cada dia mais acendrados, de que o inverno findou, ou, me-

(Continua na 4.ª página)

A CASA DO ALGARVE COMEMOROU OS ANIVERSÁRIOS DO NASCIMENTO DE JOÃO DE DEUS, SEU PATRONO E DA SUA FUNDAÇÃO E REORGANIZAÇÃO

EM sessão festiva, com numerosa e distinta assistência, comemorou a «Casa do Algarve», em 8 do corrente, o 127.º aniversário do nascimento do seu patrono, o imortal lírico e pedagogo, João de Deus, e os 27.º e 11.º da sua fundação e reorganização.

Presidiu a neta do homenageado, sr.ª D. Maria da Luz de Deus, presidente da Direcção da «Associação de Jardins-Escola João de Deus», ladeada pelos presidentes da Commissão executiva da reorganização da «Casa do Algarve» e actual presidente da mesa da assembleia-geral, sr. dr. Amadeu Ferreira d'Almeida e Juiz-Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, e pelos srs. coronel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve; dr. José de Sousa Carrusca, como mais representativo componente ainda vivo da Commissão Organizadora da Casa, em 1930; dr. Luís de Oliveira Guimarães, representante da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, e major Mateus Moreno, actual presidente da Direcção, que, depois de dirigir as suas saudações e agradecimentos aos restantes componentes da mesa, aos orado-



res, cujas qualidades pôs em relevo, e á assistência, em nome da presidente convidou o sr. deputado Sousa Rosal — «um dos mais lídimos fiadores actuais da obra de bem servir o regionalismo algarvio» — e sua esposa, «pelas razões espirituais e de familia que a ligam a João de Deus», a descerrarem, respectivamente, os retratos dos primeiros Sócios Honorários da «Casa do Algarve», nas duas fases da sua actividade (o do sábio almirante Carlos Viegas Gago Coutinho, gentilmente oferecido pelo grupo «Os Carlos», e o do eminente académico dr. Júlio Dantas, que não pôde ser inaugurado em 1952, no acto solene das homenagens que pela colecti-

(Continua na 4.ª página)

A MINHA PAIXÃO: O TEATRO

OS que, como eu, sempre acompanham, com alvoroço e júbilo, qualquer manifestação artística... se emocionaram com a ascensão do cinema mudo, para logo «sofrerem» com o seu desaparecimento, numa altura em que a simplicidade dos processos se aliava á maioridade de uma arte — a pantomima — e á firme progressão de uma técnica... a estes, dizíamos nós, a quem o cinema tri-dimensional, o cinemascope ou o cinerama, ainda não conseguiram apagar a paixão pelo teatro, não podia passar em julgado, a presença, nesta cidade, do venerando actor-ensaiador Salles Ribeiro.

De pergunta em pergunta, de inquirição em inconfidência, conseguimos apurar que se trata de uma iniciativa de um grupo de amadores de Faro que, a favor do seu Hospital, vão promover uma série de espectáculos com a celebrada peça de Fernando Santos, Almeida Amaral e Leilão de Barros: «Prémio Nobel».

Faro, meus senhores, e ainda que disto só plenamente se apercebam os de mais de 50 anos, é uma cidade com grandes tradições teatrais e em que o gosto pelo teatro ainda se não esvaiu...

Tempo houve em que uma estreia no velho Lethes — um dos três teatros, no país, com melhores condições acústicas — era acontecimento que interessava os mais importantes centros urbanos desta florida provincia... por ali passaram, entre outros e para só citar os mais recentes, Chaby Pinheiro, Adeli-na Abranches e sua filha Aura, Alves da Cunha, etc...

No que respeita a teatro de amadores, muitos certamente se recordarão ainda da dignidade de que mestre Casanova sabia revestir as peças que encenava e de que, entre outras, poderemos recordar «O Burro do Sr. Alcaide» e «A Senhora Ministra».

Apareceu, a seguir, Jaime Pires, dilecto discípulo de Casanova, que, durante alguns anos, manteve em intensa actividade o Grupo Dramático da Soc. Recreativa Artística Farense, e outros.

Campos Coroa, ainda imbuído do teatro Vicentino em que, enquadrado no T. E. U. C., tão justos louros al-

(Continua na 4.ª página)

EM ALCOUTIM HOMENAGEM PÓSTUMA ao BENEMÉRITO DR. JOÃO DIAS



EM Alcoutim foi, no passado dia 8, descerrado o busto á memória do grande benemerito e médico daquelle concelho, dr. João Francisco Dias, com a presença dos srs. governador civil substituto, presidente da Junta de Provincia do Algarve e da C. D. da U. N., presidentes de quase todos os municípios, delegado de Saúde, secretário geral do Governo Civil, directores Escolar e de Estradas, chefe da P. I. D. E. de Faro, comandantes das secções da G. N. R., G. F., muitas outras autoridades da provincia, além das do concelho e até da vizinha vila espanhola de S. Lucar de Guadiana.

A sessão em homenagem ao saudoso médico, foi presidida pelo sr. governador civil subs-

(Continua na 4.ª página)

AGUAS PASSADAS...

O POVO, ESSE DESVAIRADO...

QUANDO o povo desvaira, não há que fazer-lhe. Seja o motivo bom ou mau, elevada ou mesquinha a causa porque se bate, e por que, gerosamente, regue o solo pátrio com o seu sangue, sempre os seus entusiasmos descambam em excessos e não raro em atrocidades.

Lembremos uma das que o povo, que tão heroicamente se houve no alçar do Mestre de Aviz ao trono, num momento em que a nacionalidade parecia prestes a sossobrar, cometeu de envolta com outras que, de somenos crueldade, passaram despercebidas:

Corria o ano de 1383.

Tinham-se rendido ao povo, partidário do Mestre de Aviz, os castelos de Portalegre e Extremoz, que estavam antes entregues, o primeiro a Pedro Alvares, Prior do Hospital; e o segundo a João Mendes, alcaides que os tinham recebido de Leonor Telles e por ela tinham voz.

Em Evora, estalara a revolta dos mesteirais.

Sabendo disso, Alvaro Mendes de Oliveira, o alcaide de Evora, procurou precaver-se contra qualquer surpresa dos inimigos da rainha, já então homisiada em Castela. Com ele estavam já poucos defensores, além de Gonçalo Anes Mello, Martim Bravo, Rui Gil e mais uns sete ou oito de que a história não guardou o nome. Os restantes, eram gente de pé, na sua maior parte besteiros, e em cujos certos vitorões, bem como no fervente

recheio dos panelões de enxofre e pés que a pionagem derramaria sobre os assaltantes, repousava a defensão dos alta-neiros muros.

A resposta ao parlamentar que foi intimar a entrega da praça, deu em recusa formal:

O Castelo era forte, estavam bem apercebidos para um assedio e, quanto a um assalto, que o tentassem e logo teriam a resposta.

(Continua na 2.ª página)

O POVO E A LÍNGUA (2)

CURIOSIDADES DIALECTAIS ALGARVIAS

Sabem os leitores o que é *enxovalhar*? Em sentido próprio significa sujar, manchar, enodoar. Em sentido figurado, macular, deslustrar e até injuriar. Nas Alfambras, empregasse com o sentido de *enrotar*.

— Maria, *enxovalha* as galinhas.

Bêcome. Aqui têm um vocabulo rústicamente saboroso como um medronho maduro. É uma aglutinação de *bem como* e introduzido pitorescamente nas frases.

— Sinto-me *bêcome* doente.

Aparecem-nos por ali muitas vezes garotos que parecem ter saído de um banho de lama. Nós diríamos que andam lam-

Carnaval de Loulé

(1.º prémio no Concurso de Píropos)

DOMINGO

Linda Vila de Loulé,
Sem favor e com verdade
Sinto pena — e pena é —
Que não te chamem cidade!

SEGUNDA-FEIRA

O Carnaval de Loulé
Com poucos mais o confundo:
E, penso, que um dia, até
Será o melhor do mundo!

TERÇA-FEIRA

Loulé, o teu Carnaval
Ganhou fama, tomou cor...
E tu — Vila original —
É's um poema d' amor!

Faro, 1/3/57

MARQUES DA SILVA

APONTAMENTOS DE VIAGEM (9)

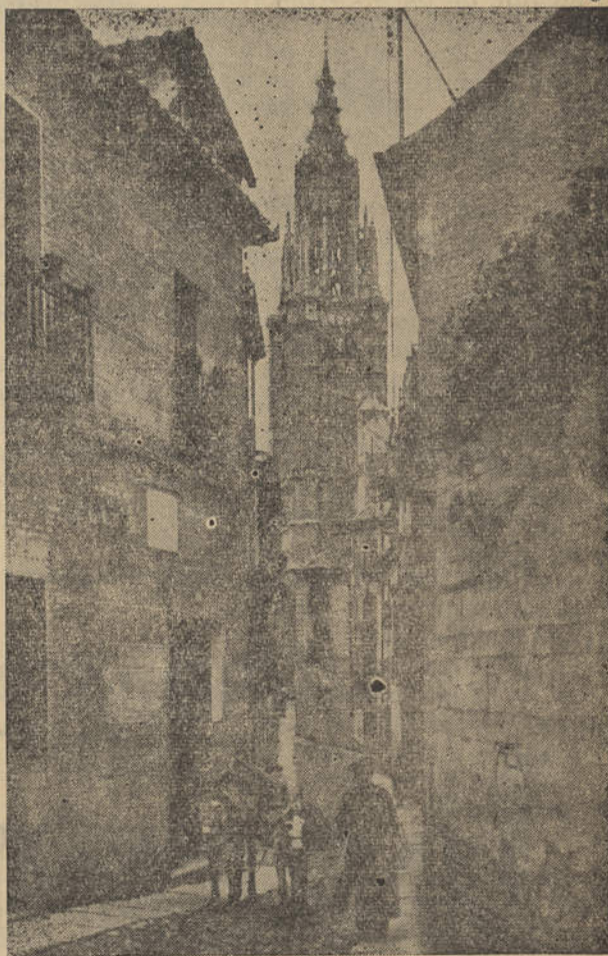
Por terras de ESPANHA

TOLEDO

Paramentos, alfaias, algumas cuja proveniência se desconhece visto que foram recuperadas no *botin* dos revolucionários, grandes tapeçarias sobre motivos da vida de Alexandre Magno, constituem, além das notáveis pinturas, o recheio deste museu, que foi milagrosamente salvo da fúria vermelha quando já lhe arrombavam as portas, pela intervenção de um dos seus próprios.

Greco — como era de esperar — tem obras espalhadas por toda a parte e em S. Vicente tomamos contacto com as primeiras: «Quatro Apostolos», uma «Visão de S. Juan» e uma «Santa Trinidad», que foi o primeiro quadro que pintou em Toledo, ainda sob a influência da escola italiana, na qual tinha aprendido com Ticiano, Tintoretto e talvez tam-

bem com Bassano. Havia me-



Um típico callejon de Toledo. (Ao fundo a torre da Catedral)

nos de cinco anos que tinha chegado a Espanha, vindo de Roma — que tinha sido obrigado a abandonar, em virtude de umas certas apreciações des-

(Continua na 3.ª página)

ÁGUAS PASSADAS...

O povo, esse desvairado...

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

E, enquanto os medianeiros retiravam, a peonagem, das ameias, apupava-os e escarnecia-os em altos gritos.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, as coisas apareceram aos defensores do Castelo com aspecto menos tranquilizador. Dos eirados da Sé, bem como dos altos do Açougue — que era o templo de Diana então afrontosamente utilizado assim — numerosos besteiros varejavam os terreiros do castelo a que ficavam sobranceiros, causando-lhes numerosas baixas e dificultando-lhes a defesa.

Mas não era tudo ainda. A certa altura vêem os sitiados aproximar-se até junto da cava que servia de fosso ao baluarte, uns tantos carros apinhados de mulheres e crianças. Primeiro, foi o espanto por tão inopinado cortejo em lides de guerra, mas logo o desespero o substituiu, quando os defensores da praça reconheceram nos ocupantes das estranhas viaturas, as próprias mulheres e filhos, que os atacantes tinham ido buscar e levado á sua vista, enquanto lhes gritavam de baixo:

«Eia! saiam fora e desamparem o castelo a nós, que somos pelo mestre, senão vamos deitar fogo a estes carros e a vossas mulheres e filhos com eles, aqui mesmo á vossa vista!»

O Castelo era forte, porém, nem a robustez das torres, dos muros e baluartes, nem a fundura do cerco da cava que quase o tornavam inexpugnável, conseguiram resistir ao bater daqueles corações alanceados pela perspectiva de verem ali, sob os seus próprios olhos, morrer, da mais horrenda das mortes, as esposas e os filhos.

Pedi então o alcaide, como unica condição para entregar a praça, que o deixassem sair e aos seus, com vida e honra e livremente seguirem os seus destinos.

Tendo-lhes sido concedido o que pediram, saíram pela porta da traição, tendo, todavia, todas as outras fechadas, com receio de qualquer violencia do povo.

O alcaide foi para Portel, de que Fernão Gonçalves de Sousa era castelão, outros para Olivença e outros ainda para Campo Maior, que estavam ainda pelo rei de Castela.

Deslumbrado com a fácil vitória, o populacho desvairou e em toda a parte via inimigos. Chefiavam-no dois energúmenos, Gonçalo Eanes, um cabreiro e Vicente Anes, de sua profissão alfaiate.

Primeiro se insurgiram contra alguns grandes da terra, que tinham tido por capitães no início da revolta contra os da rainha, Diogo Lopes Lobo e Fernão Gonçalves, e agora despachavam-nos para Lisboa, para que se juntassem ao Mestre e ali o defendessem.

Começava o terror a reinar na cidade, todos temendo, por qualquer insignificancia, tornarem-se alvos das violencias do povo, excitado pelos seus dois desvairados matorais.

Entre as pessoas que mais aterrorizadas viviam, estavam as freiras de S. Bento de Castriç, em convento que existia no suburbio da cidade. Não se sabe como, chegou até um dos chefes da arruação, que a Abadessa, ao presenciar alguns dos desatinos do povo em alvoroço, teria comentado para as suas timoratas ovelhas:

«Deixai lá esses bebedos, que ainda se hão-de vir a ar-

reperder das maldades que andam fazendo!» (1)

Chamava-se a desventurada soror Joana Peres Ferreirim e e tinha a desgraça de ser prima de Leonor Telles.

Tanto bastou para que o cabreiro Gonçalo Eanes, açulasse os seus acolitos:

«Vamos matar a aleivosa da Abadessa, que é parente da Rainha e sua criada.» (2)

Uma alma caridosa correu a avisar a Abadessa, que com as suas freiras ouvia missa na Sé Catedral, como era então o uso.

Apavorada, a pobre religiosa refugiou-se no Tesouro e abraçou-se com uma custódia onde estavam as sagradas partículas e, enquanto no altar continuava a desenrolar-se simbolicamente a tragédia do Calvário, no templo, prostradas nas lages, as freiras oravam por aquela que a fúria do populacho não tardaria a sacrificar.

Em tumulto, chegaram ás portas do templo os tresloucados, ao tempo em que desciam a nave, ao seu encontro, o deão Gonçalo Gonçalves, o chantre Mem Peres e outros beneficiados, para os conter.

De nada valeu porém. Nem mesmo a promessa de que eles proprios a conservariam na Catedral, presa, até que viesse a ser julgada pelo que tivesse feito ou dito, teve poder para amansar aquele bando, que era já de assassinos.

Irromperam pelo templo, arancaram a custódia das mãos da pobre freira, quase desfalecida de terror, e arrastaram-na para a rua.

Antes porém que tivesse saído do templo, já um dos possesos lhe arrancara o manto e a touca, deixando-a de cabeça descoberta, e pouco mais adiante, antes de chegar á rua, outro lhe rasgou e arrançou o habito e as roupas interiores. E foi assim, despida e descomposta que a desventurada abadessa foi levada pela rua da Selaria até á Praça. Ali, uma cutilada que lhe fendeu o cráneo, deitou-a por terra, morta. Bestialmente, então, todos os que tinham uma arma cevaram o seu odio no cadaver, vibrando-lhe golpes sobre golpes.

Pouco a pouco, fatigados e desenfadados, foram retirando, um a um, ou em grupos, comentando o feito e foram até suas casas, em busca da ceia, que o dia caía já. Finda ela, voltaram ao local onde o cadaver ficara e atando-o pelos pés, arrastaram-no até ao Rossio, cerca do Curral de Vacas, onde abandonaram por fim os infamados despojos, que alguém, pela calada da noite, piedosamente recolheu, para lhes dar sepultura, em sagrado, na Catedral.

E. S.

(1 e 2) Fernão Lopes — Cronica de D. João I — XLV.

António Ruivo Agradecimento

Sua esposa e familia, na impossibilidade de agradecer directamente por desconhecimento de alguns endereços, vêm por este meio muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral do saudoso extinto.



hérnia

Uma boa notícia

O moderno método patenteado sem moia e sem pelota MYOPLASTIC - KLÉBER

é aplicado no nosso país pelo especialista internacional INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

Graças a este verdadeiro «músculo de socorro» a vossa parede deficiente será reforçada e os órgãos mantidos no seu lugar «Como se fôsse com as mãos».

Encontrareis imediatamente bem estar e vigor, como anteriormente. E' maravilhoso.

Vinde fazer um ensaio gratuito, em

FARO — Farmácia Higieno — Rua Ivens, 22

DIA 21 de Março

TAVIRA — Farmácia Eduardo Felix Franco

DIA 22 de Março

Motores Marítimos

USADOS

VENDEM-SE dois, em bom estado, marca Skândia, de 60 H. P., 500 r. p. m., const. sueca de 1942.

Ver e tratar na C.ª Pescarias Cabo St.ª Maria—Telef. 116 — FARO.

I. A. N. T.

Sanatório Carlos Vasconcelos Porto

S. BRÁS DE ALPORTEL

COZINHEIRA-CHEFE

Precisa-se no Sanatório Carlos Vasconcelos Porto. Vencimento ilíquido 800\$00. Condições pat.ntes no escritório do Sanatório.

S. Brás de Alportel, 3 de Março de 1957.

O Director Medeiros Galvão

Vende-se

Por não continuar com o negócio, aguardente de figo e bagaço, vinho abafado e vinagre, vazilhame de todo o tamanho e também se arrenda a Adega de fabrico de vinho e aguardente.

Tratar com Francisco Mateus Rosa, Rio Sêco — FARO.

Propriedade

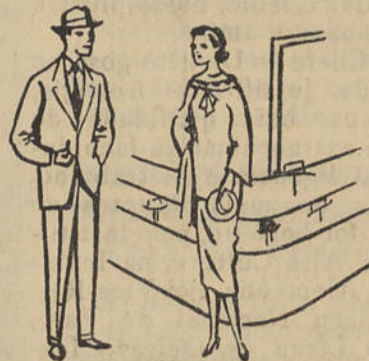
Vende-se, por motivo de retirada, no sítio do Montenegro, subúrbios desta cidade, junto á estrada da Praia de Faro, com todos os cómodos para exploração agricola, casas para habitação, muita água e bons terrenos para edificar.

Quem pretender dirija-se a António de Sousa Matoso, Montenegro — Faro.



O chapéu impõe-se...

... SIM, PORQUE DÁ BOM TOM Á SUA ELEGÂNCIA MASCULINA E BOA PROTECCÃO CONTRA OS RIGORES DO TEMPO.



use CHAPÉU

OVIC 44

Casa pequena

VENDE-SE na Rua do Montepio, 19. Tratar na Rua Conselheiro Bivar, 62 — Faro.

Vende-se HORTA

próximo de Faro

Dirigir a João Viegas, Senhora da Saúde — Faro.

OLHÃO

VENDE-SE, em boas condições de preço, a Fábrica de Confeitaria que pertenceu a Alexandrino da Cruz Coquenão, com todos os seus pertences.

Trata o solicitador Francisco Maria Nunes — Olhão.

EDITAL

Estêves d' Anunciada Cebola, Juiz das Execuções Fiscais do concelho de Faro.

Faço saber que no dia 23 de Março corrente, pelas 16 horas e 30 minutos, nas oficinas do Fomento Industrial Agrícola do Algarve, Ld.ª, com sede no Largo do Mercado, desta cidade de Faro, se há-de proceder á arrematação em 2.ª praça, pelo maior lance, que fór oferecido, dos bens penhorados a Manuel Joaquim Mendes Palma, Carlos Martins Cravinho e José Inácio Miguel, moradores em S. Marcos da Serra, para pagamento de Imposto de Camionagem e Taxa de Compensação do ano de 1956.

Designação dos bens: Um camião de carga com o N.º A. H. 16-67, da marca Morris Comercial, que utiliza como combustível gazoleo, com a carga útil de 5.628 Kgs.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos a deduzirem os seus direitos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar nos lugares de estilo.

Faro, 12 de Março de 1957.

E eu, Manuel Domingos Júnior, escrivão, o subscrevi.

O Juiz, Estêves d' Anunciada Cebola

Advertisement for Sonasol featuring a large '5 \$' graphic and a bottle of the product. Text includes 'CADA GARRAFA DE Sonasol' and 'Indicado especialmente para louças, vidros, mosaicos, superficies lisas, etc.'

Encadernador

PRECISA-SE, auxiliar ou meio-official. Nesta redacção se informa.

Empregada, PRECISA-SE para escritório que tenha noções de dactilografia. Informa-se nesta redacção.

Propriedade

Vende-se nos subúrbios de Faro (sítio do Chalet das Canas) composta de terra de semear com regadio, árvores de frutos e casa de habitação. Trata-se na rua Dr. Manuel de Arriaga n.º 11 — Faro.

VITÓRIA

Vende-se, em bom estado. Tratar na Rua Teófilo Braga, 19 — Faro.

Na tipografia deste jornal executam-se todos os impressos com perfeição.

APONTAMENTOS DE VIAGEM (9)

Por terras de ESPANHA

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

respeitosas feitas acerca de Miguel Angelo, então no apogeu— quando lhe encomendaram o famoso quadro para a Igreja de S. Domingos-o-Antigo e, com um pequeno intervalo o célebre «Espolio» que veremos na Catedral, quando lá formos. Foi então que Filipe II — cujo único mérito foi a protecção às artes e aos artistas — o encarregou de pintar, no Escorial, o «Martírio de S. Maurício».

Não agradando ao rei, voltou a Toledo. Foi então que pintou o «Enterro», e se instalou para sempre na cidade que adoptou como sua.

Finalmente, vemos a célebre «Asuncion» que foi a última, ou uma das suas últimas obras, em que o talento, de Domenico Theotocopoulos, — de seu nome, — se mostra em toda a exuberancia do seu estilo de fortes contrastes.

No retabulo, os dois laterais, S. Pedro e S. Eugénio arcebispo de Toledo, são duas cópias de Greco, atribuidas a Velasquez.

Mais um primoroso quadro de Mateo Gilarte, famoso pintor valenciano, que foi contemporâneo de Greco e foi influenciado pelo seu estilo: «Em Casa de Emauz».

— Mais como curiosidade do que como obra de arte pura, citamos um Crucificado, quasi em tamanho natural, em ferro forjado maciço, da autoria de Domingo de Cespedes; e, finalmente, pela sua beleza, que não passe sem referência, um retabulo de talha policromada de Pedro Martinez de Castañeda.

Metemos por uma «calles» a saída do Zocodover e vamos dar à igreja de Santo Tomé, incapazes de sofrer por mais tempo o desejo de admirar a obra prima do mestre, que durante a revolução chegou a estar despendurada e só a libertação de Toledo impediu que fosse destruido ou roubado.

Antes porém de o olharmos, umas ligeiras palavras de explicação do motivo da sua existência:

A igreja de Santo Tomé foi fundada em 1085 por Afonso VI ao reconquistar a cidade, só tendo sido restaurada nos primeiros anos do século XIV, justamente pelo Conde de Orgaz, D. Gonzalo Ruiz de Toledo.

Sucedo que o Conde de Orgaz, ao morrer em 9 de Dezembro de 1323, determinou em seu testamento que queria ser enterrado nesta mesma igreja, para o que foi escolhida a capela da Conceição. Deixou então importantes legados para o culto e para esmolas aos pobres, que os seus herdeiros haveriam de pagar.

Anos passados, porém, a obrigação por parte dos sucessores do Conde foi caindo em esquecimento até que, ao assumir a chefia da paróquia Andrés Nuñez, de Madrid, exigiu o pagamento dos encargos atrasados. Isto deu lugar a um pleito que veio a ser resolvido a favor da paróquia, pelo que foi resolvido, para perpetuar a memória do Conde, mandar pintar um quadro alegórico, para sobrepôr ao seu tumulo, onde ainda hoje se encontra.

Foi o famoso quadro, justo com o artista pela quantia de 155.000 pesetas.

Fé-lo, Greco, quando tinha 45 anos, pintando-o em um ano apenas, o que mostra a facilidade com que trabalhava. O valor do quadro é justificada pela importância do personagem que representa, que foi Alcaide de Toledo, Notário-Mór de D. Sancho-o-Bravo, e de Fernando IV, que o tiveram em grande estima. Foi além disto Grande Conselheiro da

rainha D. Maria, viuva do primeiro destes soberanos e governadora do reino, durante a menoridade do segundo, seu filho.

Foi cavaleiro muito esmolero, fundou e edificou o convento dos Agostinhos, da invocação de S. Estevão e, reza a tradição, que, ao morrer, vieram recolher-lhe o cadaver, os próprios Santos Agostinho e Estevão, baixados do céu e que, ao colocá-lo na sepultura, encoberta com uma lapide negra por baixo do quadro, disseram: «Tal galardão recebe, quem a Deus e a seus santos serve!»

Pois foi sobre esta tradição que o extraordinário pintor fez a composição do seu monumental quadro com mais de 17 metros quadrados.

No primeiro plano, como dissemos, os dois santos, revestidos e paramentados, pegam no cadaver do Conde, que tem vestida uma armadura negra pulida, de tal realidade, que vemos nela, reflectido, o brilho dos bordados da capa de asperges de um dos bem-aventurados.

Como figuras accessorias, estão identificadas mais as que representam o paroco que encomendou o quadro, de Pedro Ruiz Duro então coadjutor da paróquia, o arquiteto de Carlos V, restaurador do Alcazar, D. João de Austria, o Conde de Benavente, um auto retrato de Greco, o poeta Hortensio Palavichino, Covarrubias, que foi bispo de Avila e um menino que é o próprio filho do pintor, Jorge Manuel, que veio a ser architecto e com ele colaborou num famoso quadro que é a perspectiva e planta de Toledo.

Na ponta de um lenço, que sai do bolso do menino, está, em caracteres gregos, a assinatura do pintor e a data da confecção da magistral obra.

Na parte alta do quadro, que é a maior, uma alegoria representando a glorificação do Conde. Ao centro, o Anjo da Guarda, voador entre nuvens e leva nas mãos a figura de uma criança em atitude de prece, que representa a alma pura do Conde. Ao centro, Cristo, com vestiduras brancas e a seus pés, a Virgem sentada e S. João ajoelhado, intercedem pelo finado. O fundo da alegoria é constituída por uma copiosa figuração da corte do céu.

Isto, que poderá dar uma ideia da composição do quadro, é absolutamente insuficiente para fazer sentir a grandeza do assunto, a intensidade das expressões e a riqueza extraordinária do colorido.

Greco considerava esta tela como a sua obra prima e como tal ainda hoje é julgada.

O quadro, está exposto de modo, que a frente dá para uma grade, que separa a capela da nave do templo, que se abre para que a tela possa ser observada a distancia conveniente e sem as soluções de continuidade produzidas pelos varões, por detraz dos quais, umas filas de bancos, esperam os visitantes.

Não sei quanto tempo ali estivemos. Lembramo-nos porém de que, de vez quando, um reboliço assinalava o retirar de um bando de excursionistas e o assentar de outro. Ao nosso lado, porém, fiéis, inamovíveis como nós, uma *pareja de novios*, mãos nas mãos, olhos nos olhos, indiferentes às preciosidades que os rodeiam, o menos em que pensam é com certeza em enterros, mesmo que sejam do nobre conde de Orgaz, e que tenha sido Greco que o tenha pintado.

(Continua no próximo número)
E. S.

O ALGARVE DESPORTIVO

SEMANÁRIO INDEPENDENTE FUNDADO EM 1908

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (fase final)

Resultados da 2.ª jornada:

Farense, 3 — Coruchense, 3
Montijo, 3 — Salgueiros, 1
Guimarães, 5 — Sporting de Braga, 0

Ressalta, desde já, o magnífico empate obtido pelo Coruchense em Faro, mercê do qual passou a comandar a classificação, isolado. E dizemos magnífico porque, numa prova tão curta como esta, todos os pontos conquistados no terreno do adversário são preciosos para a tabela — e para as aspirações dos clubes...

O Farense, consentindo um empate em «casa», comprometeu seriamente as aspirações que porventura pudesse ter.

O Montijo foi bom vencedor dos salgueiristas, muito embora o futebol praticado pelas duas equipas tenha deixado muito a desejar e, em Guimarães, o «onze» local «cili-drou» os bracarense e obteve um resultado que surpreende, pois o Sporting de Braga parecia disposto a grandes cometimentos...

Hoje disputa-se a 3.ª jornada, com os seguintes jogos:

Salgueiros — Farense
Coruchense — Braga
Vitória de Guimarães — Montijo

Vamos pelas vitórias do Coruchense e do Guimarães e, quanto ao Farense, muito dificilmente poderá sair vitorioso da sua perigosa deslocação ao Norte, pois o Salgueiros não quererá ser surpreendido.

Nova derrota, portanto, para o grupo de Faro. Oxalá, logo à tarde, os factos se encarregassem de nos desmentir...

Farense, 3 — Coruchense, 3

JOGO em Faro, no Estádio de S. Luís. As equipas: — Farense: Isaurindo; Reina e Celestino; Fausto Matos, Ventura e Bento; Brito, Agostinho, Campos, Balela e Queimado. **Coruchense:** Almeida; Faustino e Bailão; Veríssimo, Prates e Alfredo; Armando, Manuel Jorge, Remigio, Rodolfo e Narciso.

Marcha do encontro: Aos 29 m., o Coruchense obtem o seu primeiro golo, por Armando, quanto a nós em nitida posição de fóra de jogo. No segundo tempo, logo no primeiro minuto de jogo, os visitantes obtêm mais dois golos! O primeiro, por Remigio, com certa dose de sorte... e de infelicidade para Isaurindo e o segundo por Manuel Jorge, que apareceu isolado em frente da balisa dos locais.

Sentindo o perigo da derrota, os farenenses postaram-se ao ataque e, aos 20 m., Queimado marca o primeiro golo da sua equipa, para, aos 30 e 32 m., Brito e Campos estabelecerem a igualdade, este de grande penalidade.

O Farense pode queixar-se de falta de sorte nesta partida, pois os golos dos coruchenses foram mais consentidos do que obtidos por mérito próprio, mas os visitantes também poderão afirmar que foram desafortunados, por terem consentido o empate, depois de estarem a vencer pela margem folgada de 3-0!

Contingências do futebol, afinal...

Diga-se, desde já, que o Farense fez uma má partida. E nem a reacção da última meia hora — coroada com a obtenção dos 3 golos — atenua o mau futebol praticado pela turma local.

Na verdade, pela acção deficiente dos médios, em tarde francamente desastrosa, e pelo consequente recuo dos interiores e dos extremos — talvez, também, por virtude do siste-

ma adoptado pelos coruchenses — a equipa actuou desmembrada, sem sentido de ataque e incerta na defesa, a consentir facilmente a infiltração adversária.

Os médios do Farense — e também os interiores — devem pôr os olhos na forma como Veríssimo, Alfredo, Rodolfo e Manuel Jorge actuaram. Por virtude da acção destes homens, o centro do terreno pertenceu inteiramente aos coruchenses, que tiveram, assim, espaço folgado para a manobra de ataque, finalizada pelos dois interiores, a actuarem no geito de «ponta de lança», de parceria com Remigio.

Pelo contrário, os médios locais, excessivamente atrazados, arrastavam no seu recuo os interiores e os extremos e, deste modo, Campos, absolutamente isolado, pouco ou nada poderia fazer...

Adopte a equipa o clássico WM ou o revolucionário 4-2-4, em qualquer dos casos é o quadrado-mágico a batuta que rege a orquestra, na formação 4-6-8-10 no sistema de Chapman, ou 8-4-9-10, no sistema predilecto dos sul-americanos. Mas se o quadrado se deslax, por excessivo sentido defensivo, desaparece o sistema — e a sua eficácia...

Nos locais, estiveram em evidência Brito, Queimado e Campos. Nos visitantes, que se exibiram com muito acerto e bom aprumo técnico, os médios Veríssimo e Alfredo foram os melhores, seguidos de Rodolfo, Manuel Jorge, Remigio e Armando.

A arbitragem do sr. Abel Macedo Pires, de Lisboa, mostrou-se, por vezes, tardia no assinalar das faltas, mas, no conjunto, não desagradou. Poderia talvez ter prolongado o segundo tempo, por demora excessiva da reposição da bola em jogo, por parte dos visitantes...

A grande penalidade de que

resultou o 3.º golo do Farense foi bem assinalada, porquanto a bola, ao ser interceptada, com a mão, por um jogador coruchense, ainda não havia transposto a linha de balisa. Logo, não poderia ter sido marcado golo — como poderia ser, se a bola não havia entrado? — mas sim o penaltye.

Classificação geral:

CLUBES	J	V	E	D	B	P
Coruchense	2	1	1	—	7-6	3
Guimarães	2	1	—	1	6-2	2
Salgueiros	2	1	—	1	3-4	2
Montijo	2	1	—	1	6-5	2
Sporting de Braga	2	1	—	1	5-7	2
Farense	2	—	1	1	5-8	1

Doenças dos Olhos

A. MAY VIANA
MÉDICO CIRURGIÃO

Consultas todos os dias
úteis das 14 às 18
Telefone 256
Avenida 5 de Outubro

S. R.
Tribunal do Trabalho
DE FARO
Anúncio
2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo presente se anuncia que é por este meio citado o Réu João Correia Castanheira, ajudante de motorista, cuja última morada conhecida foi em Vila Nova de Cacela e hoje em parte incerta do Brasil para no prazo de 8 dias, findo o da dilacção de 60 dias, contandose esta a partir da publicação do segundo e último anúncio, contestar a acção de prescrição de pensão que lhe move a Companhia de Seguros Soverana, sob pena de ser logo decretada a prescrição ou perda de direitos se o não fizer, em conformidade com o disposto no artigo 95.º do Código de Processo nos Tribunais do Trabalho. Fica ainda notificado o referido Réu de que foi fixado a causa o valor de 15.850\$30.

Faro, 1 de Março de 1957.
Pel'O Chefe de Secretaria,
a) Cândido de Almeida Saraiva
Verifiquei a exactidão
O Juiz
a) António Pires

BRANCURA NOVA
PARA A
SUA ROUPA!



SEM LEXÍVIAS
NEM CÁUSTICOS

O Sabão Sonasol, porque não contém potassa, prolonga a vida da roupa impedindo a destruição dos tecidos. Roupa branca e bem lavada, só com

SABAÃO

ACTIVADO
Sonasol
O SABAÃO da lavadeira

PROCURE O EMBLEMA DA LAVADEIRA



GARANTIA DE QUALIDADE

O NOSSO CALENDÁRIO OS 7 DIAS DA SEMANA

lhor, pouco a pouco se foi embora, No Algarve é assim, a Primavera chega sem grande alarde, porque começa mais cedo.

E não tarda que toda esta Província esteja em pleno na estação florida. Já as árvores dão sinais de activação e as flores rebentam num crescendo que nos alegra a alma e os olhos.

SEXTA-FEIRA — «Mea culpa»

MAIS um aniversário de João de Deus, que deixou de ser festejado com a regularidade que teve noutros tempos. Será um mal ou um bem que só de longe a longe, um ano por outro, tal data seja lembrada? Não me atrevo a responder. Só sei que é assim e que este ano não fizemos nada a recordar o Poeta do Amor. *Mea culpa*, pelo que me diz respeito, apesar de meia dúzia de vezes, pelo menos, já ter celebrado, em anos vários, nesta data, o autor do «Campo de Flores».

SABADO — *Haja saúde*

AQUELE meu amigo, com quem, por vezes, desafogo, ouviu-me uma vez mais, e, mais uma vez, me deu a costumada consolação: — Haja saúde, que arrelias não faltarão.

E é que tem razão na sua filosofia pataqueira. Aborrecimentos e arrelias são o pão de cada dia. Para os enfrentar que haja ao menos saúde.

DOMINGO — *Deixa correr*

TAMBEM há quem diga: — Deixa correr. Pois que pode realmente a gente fazer senão deixar correr o marfim!

SEGUNDA-FEIRA — *Alcatruzas*

SABE bem acabar uma tarefa que nos ocupa e preocupa. O pior — ou o melhor — é que há logo outra para ocupar o lugar da que se termina. E a vida é este encadear de umas tarefas nas outras. Uma nora que não pára, sempre com um alcatruz a despejar-se e outro logo a aparecer. O que é preciso é que cada um venha bem cheio.

TERÇA-FEIRA — *Chuva*

A CHUVA caiu com aparente abundância durante um par de horas. Uma chuva convicta da falta que sempre,

Cinema Santo António

HOJE, domingo, 17, em matinée às 15 e soirée às 21,15 horas, o esplêndido filme da Paramount, em technicolor, *O Bobo da Côte*. 13 anos. 2.ª-feira, *Filhos do Divórcio* e *Dona Francisquita*. 13 anos. 3.ª-feira, *A Conquista da Glória* e *Sinos da Liberdade*. 13 anos.

4.ª e 5.ª-feira, sem aumento de preços, dois filmes de sensação, respectivamente, *Frou-Frou* e *Gilda*. 18 anos.

6.ª-feira, *A sorte de ser mulher* e *Dupla Vitória*. 18 anos.

Sábado, em matinée às 16 horas e soirée às 21,15 e domingo, em matinée às 15 e soirée às 21,15 h., num deslumbramento de cor e de emoção, *Trapézio*, com Burt Lancaster, Gina Lollobrigida e Tony Curtis. 13 anos.

Dias 27 e 28, o sensacional filme português *Perdeu-se um marido*, que dos cinemas de Lisboa transita para o de Faro.

mais ou menos, faz. Chuva que os lavradores saúdam com alegria porque, na verdade, neste ano, tem sido escassa. P. M.

O POVO e a Língua

(Continuação da 1.ª página)

muito mais saborosamente: fazer *tarrafas* a alguém.

Curiosíssimas duas palavras para significar *nojento*. No sentido activo, aquele que tem nojo, dizem: *cuspatto*; no sentido passivo, aquele que é objecto de nojo é um *lapeiroso*. A primeira poderá ter derivado de cuspo (?). A segunda é uma evidente corrupção de *leproso*.

Esgarvelhar, que é palavra de uso corrente em muitas partes com o sentido de esgaravar, e, sob a variante *esgravelhar*, tem nalguns sítios sentido pejorativo, ali quer apenas dizer: mexer, lidar, trabalhar. Podem avaliar por aqui o que teria dado, naqueles sítios do sentido pejorativo, esta cândida frase de uma mãe cuja filha aprendia enfermagem com um médico:

— A minha F. para lá anda a esgravelhar com o Dr. C. E, se os leitores ouvirem perguntar:

— *Orgulou-te* alguma galinha? talvez examinassem cuidadosamente os sapatos a ver se alguma coisa lhes tinha sucedido em cima. Tranquilizem-se, pois *orgular* significa limparmente *desaparecer*.

Além do Manelinho do Xabouco, Dou-lhe uma caixinha de cartão, que, dentro em pouco, está feita em pedaços. Qualquer dos leitores diria que está escangalhada. Lá, dizem que se *esgandalhou*.

Está uma noite calma, mais para quente que para fria, e o lavrador, ao largar o trabalho, diz consolado:

— Está *amoroso!*

Mas eis que a mulher assoma à porta e vai contando que a Maria foi dizer à Chica que a Custódia, ao passar pela Manuela, disse que a Agostinha lhe levou os ovos que a galinha preta pusera na «arramada».

— Que *lanedo!* — comenta o tio João. E a gente deve entender: que intriga!

Até vamos encontrar nestes pitorescos vocábulos da serra o luxo de palavras só com plural

— Andaste lá por esses *charazes* e vens todo rasgado — diz a mãe a um azougado garoto.

Charazes são sítios despojavados. E, à minha pergunta se determinado cerro era um *charaz*, foi-me respondido que *charaz* não era nada.

— Que lindo *estrelairo* que trazes!

Traduzam: Que lindo traje! — Sempre me saíste uma *blema!*

Esta não é original. É a corrupção de *boleima*, que os nossos dicionários registam com o significado de pessoa sem actividade, palerma.

E *arrulhar*, significando *gritar*; e *mingoa*, querendo dizer *falta*.

E, para terminar, sabem o que são *batatas crapeludas*? Apenas isto: batatas cozidas com a pele em água e sal. *Crapeludas* porquê? Ninguém sabe mas todos dizem e... comem.

Álvaro de Valadares

A Casa do Algarve

comemorou o aniversário do nascimento de João de Deus

(Continuação da 1.ª página)

vidade lhe foram então prestadas) e um busto de João de Deus, oferta do antigo secretário da agremiação, sr. Antero Nobre.

A assistência sublinhou com vibrantes salvas de palmas os três descerramentos.

No expediente da sessão, seguidamente lido, figuraram numerosos telegramas e cartas de altas figuras intelectuais e do Teatro e um officio da Comissão «Pró-Algarve», do Porto, em que se comunicava! .. «esta Comissão, não tendo tempo para organizar qualquer manifestação dedicada à memória do grande pedagogo e poeta, nosso saudoso comprovinciano, João de Deus, por ocasião da passagem, no dia 8 do corrente, do aniversário do seu nascimento, resolveu visitar, nesse dia, o Jardim-Escola João de Deus, que aqui, felizmente, existe, e oferecer à sua Directora, sr.ª D. Maria da Luz Oliveira, como representante dessa admirável instituição e ilustre mantenedora duma obra que tão belo fruto está conseguindo, na educação racional, cultura e desenvolvimento intelectual de tantas crianças que têm a dita de receber tão boa instrução, um ramo de flores e algumas palavras de congratulação pela obra em marcha.

«Também pensamos solicitar à referida Senhora o especial favor de transmitir à ilustre Direcção da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus, as nossas mais cordiais saudações, com o empenho especial de que em breve seja possível ver erguidos, tanto em Messines, terra natal de João de Deus, como em Faro, capital do Algarve, idênticos Jardins-Escolas, o que seria da maior justiça e bem grato ao elevado espírito de João de Deus e aos nossos corações».

Dada d'pois a palavra ao sr. Augusto Krusse Afflalo, o orador salientou o estranhado empenho com que o ilustre almirante Gago Coutinho, seu grande e velho amigo, tem sempre procurado servir o Algarve, com os seus contributos de homem de ciência a favor da solução do problema de Sagres e da consequente evocação local do Infante D. Henrique, saudando a «Casa do Algarve», na qualidade de representante da «Sociedade Cervantina de Madrid», em Portugal, e em nome da Direcção da revista luso-brasileira «Duas Pátrias», pela data festiva celebrada e pela oportunidade e justiça das homenagens prestadas à trindade ilustre do pensamento português constituída por João de Deus, Gago Coutinho e Doutor Júlio Dantas.

Em representação da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, falou a seguir: o distinto escritor e conferencista sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães, para gratamente assinalar o interesse com que a referida Sociedade está acompanhando todas as actividades culturais e patrióticas da «Casa do Algarve».

Para significar a admiração que Júlio Dantas desde muito novo manifestou sempre por João de Deus, recorda a seguinte quadra pouco conhecida, que em 1895, tendo apenas 17 anos, o futuro autor da «Ceia

dos Cardeais» lhe dirigiu num postal:

*Todos roxos, os melros, ao luar
No froxel de ouro dos pequenos berços
Dão aos filhos lição. E' singular!
Antes de os ensinarem a voar.
Ensinam-lhe os teus versos...*

Da poesia de João de Deus, do homem e do pedagogo, ocupou-se, por sua vez, em sugestiva oração, o sr. dr. Mauricio Serafim Monteiro, conterrâneo do poeta e velho amigo da família.

Fixando-se na análise do método da leitura — A Cartilha Maternal —, em que também se orgulha de ter aprendido as primeiras letras, o orador diz ter sido esse método uma janela aberta sobre a negrura pedagógica do seu tempo, porém uma janela que hoje ainda se não fechou e que o leva, por isso, a não desistir do velho sonho se, com os carinhosos incentivos da «Casa do Algarve» e da benemérita Associação de Jardins-Escolas João de Deus, ver em breve erigido na capital algarvia, dadas as dificuldades que se lhe deparam para conseguir-lo na terra natal do poeta, o verdadeiro monumento que a sua memória de apostolo da bondade e do amor reclama do Algarve — a obra viva de um *Jardim-Escola*.

Dada, finalmente, a palavra ao orador incumbido de apresentar, em breve relato, a evolução das actividades da «Casa do Algarve», desde a sua fundação em 1930, até à fase actual, o sr. Antero Pacheco Nobre, espírito culto e observador de elevada formação regionalista, rendeu preito aos abnegados esforços, não só da primeira comissão organizadora, que há 27 anos levou a efeito a sua fundação, como também do que, em 1946, a reergueu dos escombros em que uma incompreensível apatia dos algarvios, em Lisboa, a havia soterrado.

Sem esquecer muitas outras dedicações, sente-se no dever de recordar, como principais animadores desses esforços, o sr. secretário da Comissão Organizadora de 1930, e actual presidente da Direcção, sr. major Mateus Moreno, e o sr. secretário da Comissão Executiva de 1946, sr. Joaquim António Nunes, actual representante de Portimão no Conselho Superior Regional.

E sendo-lhe grato verificar que o alto prestígio de que presentemente goza a «Casa do Algarve» é firme continuidade daquela com que, na sua fase inicial, tanto afirmou perante todas as restantes Casas Regionais em Lisboa, envolve na mesma saudação fundadores e reorganizadores, porquanto todos bem mereceram e continuam a bem merecer do Algarve.

Encerrou a sessão, com um notável discurso, a presidente da Mesa, sr.ª D. Maria da Luz de Deus, em que afirmou o interesse e carinho com que a Associação de Jardins Escolas João de Deus, a que preside, está acompanhando as actividades da «Casa do Algarve», não só no que respeita às diligências a favor da criação de um Jardim-Escola em Faro, para o que já o grande benemérito farense, sr. coronel Aboim Ascensão de Sande Lemos, ofereceu parte do terreno necessário à construção, mas também todas as iniciativas que interessem à valorização espiritual da lida província

MODERNAS CONFECÇÕES SEMPRE PRONTAS A VESTIR GÉNERO AMERICANO

REPRESENTADA POR:

Casa Bela
Símbo de elegância e economia
AVENIDA JOÃO XXI, 10-D
LISBOA

CASA BELA
R. DE SANTO ANTÓNIO, 36-1.
FARO

HOMENAGEM Mundanismo

ao dr. João Dias

(Continuação da 1.ª página)

tituto, tendo à sua direita a viúva do extinto e à esquerda o sr. presidente da Junta de Província.

Usaram da palavra, os srs.: presidente da Câmara de Alcoutim, que referindo-se à ideia da erecção do referido busto, cumprimentou e agradeceu a todos os que contribuíram para aquela homenagem não esquecendo a Imprensa e todas as individualidades ali presentes, com palavras de louvor para a viúva, filhos e restante família do homenageado; dr. Matos Parreira, antigo presidente da U. N., que evocou a figura do dr. João Dias como político, afirmando que ele foi um dos maiores servidores do Estado Novo no Algarve; dr. Pais Ribeiro, delegado de Saúde, que também evocou a figura do médico e cirurgião; e dr. João Cardoso, advogado em Silves, que recordou a vida do preiteado desde o liceu, onde foi um dos melhores alunos, até que a Parca o levou.

O sr. Alcaide de S. Lucar de Guadiana, disse do reconhecimento do povo que representava ali pela memória do homenageado, depondo na base do monumento uma coroa de lindas flores naturais.

Ao encerrar a sessão, o sr. governador civil subst.º, discípulo de liceu do dr. João Dias, rendeu-lhe os maiores e mais justos louvores.

A minha paixão: O Teatro

(Continuação da 1.ª página)

cançou, foi, depois, o revivificador de Gil Vicente, não só em réctas escolares como em diversas associações recreativas.

Dentro ainda deste teatro, só a paciência, pedagógica e temperamental, do meu velho e querido amigo dr. Joaquim Magalhães, poderia anular a natural irreverência dos seus alunos adolescentes, fazendo-os «viver», a «serio», nas suas réctas de despedida, os mais folgados personagens Vicentinos.

De há uns tempos a esta parte, porém, quicá depois da excelente representação, no Círculo Cultural, de «O Homem da Flor na Boca», de Pirandello, nada de vulto se tentou, excepto, talvez, um ou outro espectáculo de revista, decorrendo, aliás, com boa postura e notável sentido artístico.

Que nos querirão dizer, agora, estes amadores, propondo-se encenar uma peça de tanta responsabilidade?

Trata-se de um grupo, visando, apenas, ajudar o Hospital da sua terra... para se desfazer logo após a realização dos espectáculos previstos ou será que algum sentido de continuidade perpassa nas suas intenções?

A ser válida a primeira destas duas hipóteses, devo desde já declarar, com a franqueza que me é grato observar na apreciação dos meus actos, que me parece discutível a escolha da peça.

(CONTINUA)

M. B.

do sul em que nasceu seu avô e a que se encontra, pois, ligada por inelutáveis laços de sangue.

PRIMEIRAS PINCELADAS

(No meu auto-retrato)

*As meninas dos meus olhos,
— Tão marotas... tão traquinas... —
Lembram duas pombas mansas,
Mal vêm certas meninas...*

Faro, 12-3-57

MARQUES DA SILVA

Fazem anos:

Em 18 — D. Isabel Seita Monteiro, D. Maria Valentina Rua Frade, D. Rosária da Costa Martins Afonso, dr. João Emiliano de Matos Parreira e Carlos Manuel Correia José.

Em 19 — D. Estela Serafim de Assis Mil-Homens, D. Maria Helena Coelho Baptista, D. Maria José Viegas Faisca, Padre José Gomes da Encarnação, capitão Vitorio Frederico Crispim e José Maria Aboim Barros.

Em 20 — D. Maria do Carmo Pereira e D. Maria Feliciano Carmo Marques.

Em 21 — D. Maria do Carmo Lyster Franco David, D. Aurea Marcela Spínola e Santos Pardal, João Dias Pires, Bento Viegas Louro e António dos Santos Capela Júnior.

Em 22 — Meninas Maria Judite de Brito Ferrinho, Maria Margarida Barbosa Neves e Emídio Dias Úva.

Em 23 — D. Maria Aristotelina Remachido Mendes, D. Maria Ramos Toscano Pinto, D. Maria Arminda Domingos, menina Luisa Maria Assis Vital Gomes, João Celorico Gil Medeiros, Alexandre Bento Carriho e Mateus Pedro Lima.

Em 24 — D. Nuno de Sousa Coutinho (Linhares) e Mário dos Reis Pimenta Quadros.

Partidas e Chegadas:

Encontra-se há dias nesta cidade, o sr. D. José Telles da Sylva (Tarouca).

Depois de passar uns dias com seus pais, regressou ao Funchal, a sr.ª D. Maria Armanda Lopes Marques de Sena Lino, esposa do sr. eng.º José de Sena Lino, ilustre director dos Portos da Madeira.

Com sua esposa, regressou de Lisboa, onde passou alguns dias, o sr. dr. Joaquim Rita da Palma, distinto advogado nos auditórios desta comarca e nosso prezado amigo.

Esteve em Faro, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o sr. Waldemar José da Silva Cabral, inspector da «Oliva» e nosso prezado assinante.

Regressou de Lisboa, onde foi acompanhar sua esposa, que ali vai passar uma temporada, o sr. José Alexandre da Fonseca.

Retirou para Lisboa, depois de passar uns dias em Faro, acompanhada de sua filha, a sr.ª D. Lucília de Bivar Cúmano, viúva do nosso saudoso conterrâneo sr. dr. Henrique de Bivar Cúmano.

Nascimento:

Em Cortegaça, deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Lourdes Fazenda de Brito, esposa do sr. Alexandre Garcia de Brito Mãe e filho encontram-se bem.

Júlio Sancho

Médico - Radiologista
Radiodiagnóstico - Tomografia

Tratamentos eléctricos
Ondas curtas — Ultra-Sons
Cláteis, lumbago,
artrose deformante,
neuralgias, etc.

CONSULTÓRIOS
FARO — PORTIMAO — Telef. 368

TINTAS OLEOS E VERNIZES DROGAS FERRAGENS CUTELARIAS
compre na CASA PINTO que compra melhor e mais barato
PAPEL E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO NOVIDADES PARA BRINDES UTILIDADES